

Retomada também significa riscos

De São Paulo

O principal cabo eleitoral do eventual candidato governista à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002, também traz um componente de risco. A capacidade do Brasil crescer de forma sustentada sem pressionar excessivamente a balança comercial e a inflação é hoje uma das incógnitas que cercam o futuro da economia.

De forma consensual, os economistas desenham 2002 como o terceiro ano consecutivo de crescimento expressivo, com taxas que variam entre 3,7% e 4,5% para a evolução do Produto Interno Bruto (PIB). A maioria avalia que esse quadro positivo pode ajudar o presidente a eleger seu sucessor. Mas há riscos de dosagem que serão intensificados pelo quadro político.

"O crescimento também traz tensões porque não sabemos como inflação e balança comercial vão reagir, especialmente se imaginarmos que a taxa pode evoluir para um ritmo entre 5% e 6% ao ano", pondera Carlos Guzzo, diretor de risco de mercado do banco Boavista Interatlântico.

"É difícil imaginar 2002 como um ano sem turbulências internas", diz Roberto Padovani, consultor da Tendências Consultoria Econômica. As tensões políticas, avalia, poderão influenciar o comportamento dos mercados acionário e cambial e para responder à volatilidade, o governo (principalmente o Banco Central) pode reagir com aumento da taxa de juros, por exemplo. Para o vice-presidente de pesquisa do ING Barings, Mauro Schnei-

Futuro cor-de-rosa

Previsões para a economia no período 2001/2002

	Lloyds		MCM		Tendências		Citibank ⁽¹⁾		BBVA	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
PIB (%)	4,5	4,5	4,7	4,2	3,5	3,7	4,0	4,5	4,5	4,5
Inflação (IPCA-%)	4,5	4,0	5,0	5,0	4,0	3,5	4,0	3,0	4,4	3,8
Desemprego (30 dias/IBGE)	6,8 ⁽²⁾	6,5 ⁽²⁾	7,0	6,7	7,8	7,6	7,3 ⁽²⁾	-	7,8	7,5
Taxa Selic (fim do ano, em %)	14	13	14,2	12,0	-	-	13,5	12,0 ⁽³⁾	13,25	12,75
Taxa de câmbio (fim do ano, R\$/US\$)	1,93	2,01	1,88	1,93	1,99	2,50	1,95	2,0	1,93	2,0
Saldo comercial (US\$ bilhões)	1,0	2,2	2,4	3,8	2,8	4,6	4,3	6,0 ⁽³⁾	3,4	5,5
Conta corrente (US\$ bilhões)	-24,3	-24,8	-24,9	-26,5	-20,0	-16,2	-26,6	-26,0	-24,8	-23,6
Resultado nominal (em % do PIB)	-3,0	-2,7	-2,67	-1,65	-2,6	-4,1	-2,41	-	-3,0	-2,2

Fonte: bancos e consultorias. (1) o cenário do Citibank ainda não foi detalhado; (2) taxa semanal; (3) números estão sendo revisados e devem diminuir

der, não dá para imaginar que a melhora do quadro econômico fará, isoladamente, o sucessor de FHC. "O crescimento sustentado fortalece a aposta na continuidade, mas muitas dificuldades da população de baixa renda continuarão presentes", argumenta.

"O país tem dois anos para mudar o cenário que hoje ainda determina a baixa popularidade do presidente, que é o desemprego e queda do salário real", diz o sócio-diretor da MCM Consultores, José Júlio Senna. "O cenário econômico vai influenciar nas eleições, ajudando Fernando Henrique a eleger seu sucessor", avalia.

Octávio de Barros, economista-chefe do BBVA Brasil, minimiza contratempos. "O crescimento de 4,5% do PIB estará sendo puxado pelo investimento e pelas exportações e por isso não exercerá pressão sobre a inflação", pondera. A demanda interna crescerá, mas a um ritmo menor, avalia.

Além disso, em 2002, a carga bruta de juros paga pelo governo ficará cerca de R\$ 20 bilhões abaixo dos R\$ 86 bilhões que es-

tão sendo pagos em 2000, calcula Barros. "Essa redução vai abrir espaço para uma melhor utilização dos recursos públicos sem comprometer o ajuste fiscal."

Com base na produtividade média da economia brasileira nos últimos anos, a Tendências considera uma evolução anual de 4,5% como um "teto" para um crescimento de PIB sem pressões inflacionárias ou desequilíbrios externos. "Crescer 4,5% sem pressões é uma novidade importante e positiva da nossa economia", pondera Padovani.

Embora sejam muito positivos, chegar nos 4,5% indica que o governo deve ser cauteloso na política monetária para evitar que o ritmo se acelere além desta capacidade "suportável", segundo Padovani. Entre as consultorias pesquisadas pelo Valor, a Tendências mantém a menor projeção para o aumento do PIB em 2002: 3,7%.

Para o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, a definição, pelo governo, de uma meta de superávit fiscal para 2002 —

primeiro ano após o término do atual acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — "retirou uma dúvida que havia sobre o que aconteceria pós-acordo". "Não imaginamos um quadro no qual o presidente se arrisque a buscar um forte crescimento e aumente o gasto público para tentar eleger o sucessor", explica Kawall, que projeta inflação e juros baixos em 2002.

"Por isso é difícil imaginar que os candidatos da oposição poderão crescer em cima de um discurso de oposição ao modelo econômico", acrescenta Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank. "O cenário de crescimento forte nos próximos anos só não se consolida se ocorrer algum desequilíbrio externo ou por algum desarranjo inesperado na área fiscal", acrescenta.

Para os economistas, não se colocam grandes incertezas externas até 2002. Estados Unidos, China e Argentina são colocados como países que merecem atenção, mas não foram alçados à categoria de risco. (D.N.)